



PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

LAERCIO LIMA DA SILVA

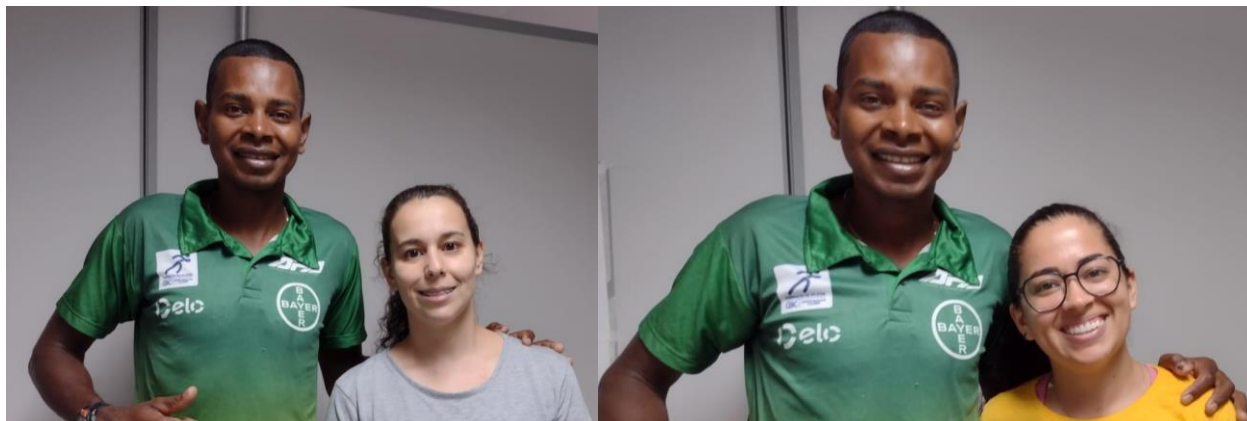
(entrevista)

Petrolina, PE

2022

GEEPRACOR-CEFIS-UNIVASF

FICHA TÉCNICA



Legenda: Fotografia produzida no dia da entrevista. Da esquerda para direita:

Laércio Lima da Silva e Christiane Macedo; Laércio Lima da Silva e Rafaela Gomes dos Santos.

Projeto: Práticas Corporais e História Oral no Semiárido e Subprojeto Associação Petrolinense de Atletismo um Breve Histórico.

Número da entrevista: E-982

Nome do entrevistado: Laércio Lima da Silva

Local da entrevista: Colegiado de Educação Física – UNIVASF, Petrolina, PE

Entrevistadores: Christiane Garcia Macedo e Rafaela Gomes dos Santos.

Data da entrevista: 25/10/2022

Transcrição: Rafaela Gomes dos Santos

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa de termos: Christiane Garcia Macedo

Total de gravação: 29 minutos e 57 segundos

Páginas Digitadas: 13

Observações:

* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em história, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O GEEPRACOR realizou algumas alterações de formato.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: SILVA, Laercio lima. Entrevista concedida por Laércio Lima da Silva ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistadoras: Christiane Garcia Macedo e Rafaela Gomes dos Santos. UNIVASF,, Petrolina (PE), 25 out 2022, 13 p.

SUMÁRIO

Início da trajetória no esporte; Conhecendo a Associação Petrolinense de Atletismo; Tornando-se atleta guia; Perda da mãe e apoio dos familiares; Primeiras competições; A vida de atleta e as dificuldades financeiras; Estrutura dos locais de treinamento; Valorização do esporte paraolímpico; Relação com o atleta Josoaldo Coelho da Silva; Dificuldades do esporte paraolímpico; Relação com atletas de outras equipes; Rotina de treinos; Apoios ao longo da trajetória; Sonhos para o futuro; Considerações finais.

Petrolina (PE), 25 outubro de 2022. Entrevista com Laércio Lima da Silva (L.S.), a cargo dos pesquisadores Christiane Garcia Macedo (C.M.) e Rafaela Gomes dos Santos (R.S.) para o Projeto Garimpando Memórias da Universidade Federal do Vale do São Francisco.

C.M. – Laércio, primeiro muitíssimo obrigada pelo seu tempo, disponibilidade, muito... Para a gente é uma grande oportunidade a gente poder contar com a colaboração de vocês e eu queria que você começasse se apresentando e dizendo como que você se aproximou do esporte.

L.S. – É, boa tarde eu tô muito feliz de ter recebido esse convite é... Eu iniciei no esporte em 2007. É... Depois de um acontecido que eu estava pilotando uma moto, sofri um acidente nessa moto e através desse acidente fiz a cirurgia, saiu tudo tranquilo só que com três meses depois eu vi que eu tinha perdido o movimento do braço direito, aí através desse, dessa perda do braço direito eu tentei entrar na equipe APA¹ pra fazer parte do segmento paraolímpico, só que durante esse tempo de treinamento é... Eu fui treinando e eu vi que meu braço estava voltando os movimentos, aí conforme estava voltando os movimentos, um atleta da APA ele corria no regular, aconteceu um acidente e ele perdeu a visão do olho, ficou cego aí através daí eu me ofereci pra ser atleta dele, é o Josoaldo Coelho, natural de Dormentes. Aí o professor fez um teste comigo, no primeiro eu não fui aprovado, no segundo teste uma semana depois não fui aprovado e no terceiro teste, graças a Deus, eu fui aprovado, aonde o Josoaldo me deu grande força aí... Teve muita paciência comigo... E desse teste aí é... 2022 agora faz dezessete anos que eu tô no atletismo como atleta guia.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO²]

L.S. – Aí dezessete anos faz agora em 2022, passei quinze anos guiando Josoaldo esse ano, perdão dezesseis, esse ano iniciei com Antônio Carlos, caso de estratégia da equipe APA, não é, é porque eu não sou atleta de Josoaldo e nem de Antônio eu sou atleta guia da APA Petrolina. Eu tenho que ter disponibilidade para qualquer atleta visual e voltando ao assunto que eu não falei antes de iniciar, até no meu acidente eu era usuário de droga. A

¹ Associação Petrolinense de Atletismo

² Aluna Rafaela entra na sala da entrevista

terapia para poder sair dessa, desse mundo errado foi o conhecimento com a equipe APA Petrolina que o professor Marciano, aí que não é um professor, é um pai, me deu essa grande oportunidade, me deu vários incentivos fora de treinamento, não só treinamento, treinamento sim, passava! Mas, só que ele falava vários conselhos pra mim entrar no caminho certo. Aí é um grande favorzão, grande prazer falar de professor Marciano, que isso é um pai, não é um professor, é um pai. Não só para mim que nem eu vejo, mas vários atletas da APA Petrolina que ele tem bastante paciência.

C.M. – E você lembra como é que você ficou sabendo da APA?

L.S. – Eu fiquei sabendo da APA porque minha casa é em frente do Parque Josepha Coelho e eu via sempre aqueles atletas é, é... Correndo ali, mas assim, eu tinha vontade, mas só que o mundo das drogas, o mundo perdido era mais forte de que a minha vontade. Entendeu? E no dia que eu marcava para ir comigo mesmo sempre chegava um amiguinho é... “não, vamo ali” tirava meu foco do que eu estava querendo conhecer. Mas é que nem diz o povo: “pra... pra tudo tem seu tempo, Deus não dorme, Deus não falha” e esses, esses amigos todos falando, todos os dois é... Não tá aqui mais pra ver o meu trabalho e hoje em dia o que eu me formei, eu não posso ter me formado um atleta topado, mas formei um cidadão.

C.M. – Você passa a ser atleta guia em que ano?

L.S. – 2007.

C.M. – Foi no mesmo ano que você entrou.

L.S. – No mesmo ano que eu entrei. Isso foi um negócio de quatro meses.

C.M. – Que ai você viu que não, que o braço estava voltando e podia ser atleta guia?

L.S. – Quando estava voltando que eu senti que estava voltando, que eu já conseguia fazer o movimento correto da corrida, porque esse Josoaldo que é o deficiente visual, ele

treinava com várias pessoas diferentes, então eu acredito que para um deficiente visual ficar treinando com várias pessoas diferentes ele não tinha conforto, porque cada corredor tem sua forma de correr, sua postura, aí eu me ofereci para ser atleta guia dele, para ajudar na minha fisioterapia, eu achei que era fácil. Não! Mas não, no início não é fácil, viu?! [risos] isso é um trabalho que tem que ter muito psicológico forte, muita concentração, muita coordenação, porque o atleta guia tá ali, se o atleta quiser correr o percurso todinho pulando eu sou obrigado a acompanhar o pulo dele.

C.M. – É... Não é fácil, né?!

L.S. – Sim.

C.M. – E nessa trajetória, nesse início, além do Marciano teve mais algum professor ou treinador que, que te acompanhou?

L.S. – Rapaz é... Tanto Marciano em primeira mão, mas como assim, a APA Petrolina, ela não é uma equipe, ela é uma família, um ajuda o outro, mesmo que não seja financeiramente, de palavra, que tem vez que palavra é melhor do que dinheiro. Então, isso pra mim eu acredito que, é... APA Petrolina em si me deu grande, grande moral assim para mim me manter e ganhar força, pra insistir ver que eu era capaz. Chegavam a dizer: “ó, você tem um biotipo demais, velho! Pra você ser um grande atleta só depende da sua força de vontade”. Então essas pessoas, que não foi só um, dois, se eu for citar todos é muita gente, então por isso, eu fico muito agradecido pela família APA.

C.M. – E, é... O restante da sua família, o que que eles acharam de você ter se tornado atleta?

L.S. – Minha avó, porque assim, eu entrei nessa vida quando eu perdi minha mãe. Minha mãe morreu muito nova com vinte e nove anos, entendeu? Aí eu, você sabe que filho quando perde assim, se não tiver uma pessoa forte para tá do seu lado ali, você cai na fraqueza. Isso foi meu caso, eu caí na fraqueza, um bom tempo depois desse acidente porque Deus sabe o que faz, o ser humano não sabe o que fala. É... Eu já passei por dois

atentados, mas graças a Deus nenhum deles conseguiu tirar, aí fui sair de moto, um simples detalhe, só foi um toquinho, freei a moto, não cheguei nem a arranhar. Caí, quebrei o braço em três lugares. Depois da perda do movimento do braço que eu caí na realidade que minha vida não era aquela.

C.M. – Mas, aí você foi criado pela sua avó?

L.S. – Sim!

C.M. – Desde a morte da sua mãe e o que que ela pensou, de você se tornar atleta?

L.S. – Rapaz, no início, ela não... Que ela sempre, ela tava muito alegre que ela viu que eu tava saindo do... Que para todas as mães, vó quando vê uma coisa dessa é uma felicidade. Uma tia minha que eu tenho como mãe, que minha avó e essa minha tia foi minha segunda mãe, ela manteve a moral de mãe é... Mas teve muitos da família que disse que eu tava ficando doido.

C.M. – Por quê?

L.S. – Porque eu tava correndo. Isso gente: “ficou doido, usou tanta droga que ficou doido”. Aí você sabe a pessoa tendo consciência do que tá fazendo nunca, não pode dar ouvido para o mundo. Mas eu lembro muito bem: “tu tá bem?” eu digo: “tô!”, “tá ficando doido correndo mais esse pessoal aí?” Eu digo: “não tô não, é só pra qualidade de vida” e hoje *graçadamente* eu tenho minhas, meus filhos. Meus filhos têm um orgulho do meu trabalho, que elas já estão até no atletismo na escolinha da APA Petrolina e que nem eu volto a dizer, não posso ser um atleta de alto, de alto nível, mas eu sou um cidadão.

C.M. – E dentro da sua trajetória quais foram as... Você lembra da primeira competição que você foi, aqui e regional e nacional

L.S. – Lembro. A primeira competição que eu fui com Josoaldo foi em... Aracaju, circuito paraolímpico Brasileiro. Dois, no ano de 2008.

C.M. – Já começou [risos].

L.S. – Já comecei graças a Deus com o pé direito. Já chegamos lá, o Josoaldo gostou muito da minha performance, da minha forma de corrida. Aí eu... Foi aonde eu virei e disse para ele: “Josoaldo, minha forma de corrida é essa porque eu já iniciei correndo com você... já iniciei como guia, reiniciei na sua pegada. Então, quem formou minha forma de correr foi você. Porque o atleta guia, ele tem de acompanhar o movimento do atleta, então pra isso é por isso que você falou que eu tenho uma forma perfeita para correr, porque a forma que você corre é a minha”.

C.M. – E depois dessa competição que competições para você foram mais importantes nesses quinze anos né, dezessete anos quase?

L.S. – É, eu já fui três vezes para Alemanha, pra Berlim. Isso para mim é um prazer enorme porque, se eu não tivesse conhecido o esporte eu acredito que eu não tinha uma condição de conhecer o que? Lagoa Grande não, que é aqui próximo. Eu acho que eu não tinha condição de ir em Recife, Salvador... Nenhuma dessas capitais.

C.M. – Você já conheceu bastante?

L.S. – Já, já conheci pouquinho, de passagem já conheci Monique, Zurique e Amsterdam. Mas assim, mais tempo eu conheci a Alemanha, Berlim. Já fui três vezes.

C.M. – Para competição ou você já foi treinar?

L.S. – Competição, competição!

C.M. – E... É, nas competições, quais foram os principais resultados que você já teve com Josoaldo ou com outro atleta?

L.S. – Desde quando eu comecei com Josoaldo, nós sempre ficamos dos três melhores do Brasil. Que é que nem dizem: “já entramos de pé direito”. Por desde quando iniciou, graças a Deus é... No início quem recebia atleta guia é... Até hoje, bolsa Federal só quem recebe é o atleta. Josoaldo recebia uma bolsa de R\$500 reais, era dividido para mim, ele e o treinador. Aí depois foi aumentando a bolsa Federal, que permaneceu do mesmo jeito sendo dividido. Aí depois foi fundado um projeto bolsa atleta Pernambuco que foi uma lei que foi formada aqui no Pernambuco aí através desse projeto... E não tinha bolsa para o atleta guia, permanecia o mesmo... A mesma forma da federal, do nacional só que aí teve um moço de Recife, Dema³, conhecido por Dema, ele mudou o projeto todinho por minha causa, que só tinha eu de atleta guia no estado. Mudou o projeto todinho e acrescentou é... O atleta guia e até hoje eu fico muito grato. Agora recentemente, antes de ontem eu falei com ele dizendo que sou muito grato, porque eu tinha muita força de vontade, *eu faço o que eu amo, eu amo correr e eu amo ser atleta guia*. Mas para se manter... Eu sou pai de família, pra se manter no esporte você tem que ter uma renda né, então Deus botou Dema bem na hora certa e no lugarzinho certinho e graças a Deus eu tô muito feliz no esporte e fazendo parte dessa família APA Petrolina.

C.M. – A partir desse projeto você consegue... Você conseguiu não precisar ter outro trabalho, outro emprego?

L.S. – Não, não graças a Deus com essa bolsa dá pra mim ter meu sustento e o sustento dos meus filhos.

C.M. – Como é que foi a evolução do esporte desde que você entrou na APA até hoje? Você acha que o esporte aqui na cidade tem sido mais valorizado? Ou é... Tá do mesmo jeito?

L.S. – É, graças a Deus agora, ultimamente é... Tá belíssimo, tá ótimo. Só agora no momento tá ótimo, tá nota 10! Mas, só que voltando ao passado era muito difícil. Nós tivemos que dormir em rodoviária. Se uma competição fosse na sexta-feira nós tinha que sair daqui na terça-feira pegando ônibus, aí chegava lá meio, um pouquinho cansado. Mas,

³ Nome sujeito a confirmação

graças a quando a gente chegava lá, sempre tem uma... Surpreendia né?! Sempre tinha um resultado positivo, mas hoje graças a Deus e uns apoios que a APA Petrolina tem tá ótimo, tá nota 10!

C.M – Em relação à estrutura dos treinamentos, a estrutura física para os treinamentos mudou muito desde que você começou pra agora?

L.S. – Não, não! Nós temos dois núcleos de treinamento. Nós temos um no parque Josepha Coelho e o SESI⁴ Petrolina. É os dois locais que nós temos treinamento.

C.M. – E desde que você chegou até agora né?

L.S. – Verdade, mas antes era só no parque Josepha Coelho, um tempinho depois que surgiu essa... Cederam essa oportunidade de nós treinar no SESI.

C.M. – Hunrum, e, é... Em relação ao esporte paraolímpico, como que você vê a aceitação, da população, dos jornais, da mídia sobre isso? Que que você, você acha que eles têm destacado o esporte paraolímpico?

L.S. – Não! De forma nenhuma. Precisa ser mais. Precisa ser mais divulgado porque a equipe é... Paraolímpico do Brasil é uma equipe de grande nível e ele precisava ser mais divulgado, é muito preso. Eles divulgam pouquíssimo quando tem algum Resultado positivo e depois some, precisa mais um pouquinho. Se você perguntar pra a população brasileira quem é os atletas paraolímpicos ninguém sabe.

C.M. – Em relação ao seu treinamento, do início da sua dedicação em questão de tempo, de horas de treinamento e formas de treinar, vocês mudaram alguma coisa nesse treinamento ao longo do tempo ou tem mudanças só em relação às competições... Pra competições específicas?

⁴ Serviço Social da Indústria

L.S. – Não, é... O Professor Marciano⁵, Marciano Barros ele é... Sempre faz planilha conforme a competição. Ele... Planilha é tudo estudado, é... A todos atletas é individualmente sua planilha é feito, é através do seu desempenho. Você faz o treinamento, através daquele treinamento ele estuda e já faz outro treinamento em cima. Se essa semana passada você teve um rendimento melhor a gente já vai estudar pra saber qual é a forma pra melhorar. Se você teve uma queda, normalmente, ele vai estudar para trabalhar de outra forma. Sempre o professor muda, mas assim, é conforme o seu desempenho dos seus treinamentos diários.

C.M. – É, teve algum acontecimento na sua trajetória que dificultou o seu treinamento ou fez você pensar em parar? Alguma lesão, alguma dificuldade financeira, alguma coisa assim?

L.S. – É, sobre, é... Lesão graças a Deus e eu nunca tive uma lesão durante esse tempo todo, mas assim, sobre condição financeira, é que nem eu lhe disse, o Dema que eu agradeço muito que Deus botou ele no lugar certo e na hora certa, mas naquele momento aquele dinheirinho que eu tava ganhando não tava dando suficiente, porque eu me tornei pai e quando você se torna pai você sabe que é um gasto a mais porque a criança não quer saber se tá de dia ela quer ter a comidinha dela na hora certa. Então, pra aí primeiro um ano eu treinava e comecei a fazer uns trabalhos, uns biquinhos fora para fazer o acréscimo, a crescer mais a renda em casa, mas só que o Dema conseguiu botar aí rodou nos coisa, ai foi aprovado no ano seguinte graças a Deus. Mas isso eu trabalhei mais ou menos uns seis meses só desse jeito aí fazendo uns biquinhos, mas aí graças a Deus, é, o ano seguinte encaixou, embalou e até hoje graças a Deus tô só agradecer.

C.M. – Você, você passou a maior parte do tempo com o Josoaldo, sendo atleta do Josoaldo.

L.S. – Sim!

⁵ Marciano Pereira Barros.

C.M. – Você podia contar para a gente um pouco dessa relação, como é que foi, como é que é o Josoaldo enquanto atleta?

L.S. – É, o Josoaldo ele é natural de Dormentes. Josoaldo ele primeiro perdeu a mãe dele. É, ele já tinha perdido a visão de um olho aí um tempo depois ele perdeu a mãe, num intervalo muito curto, depois ele perdeu o pai e ele era filho único e com um tempo, mais um tempo depois, quatro coisas, ele perdeu a visão total do outro olho. Aí Josoaldo pra mim ele é uma superação de vida. Aí eu digo: “ele não tem pai, não tem mãe, não tem a visão e é feliz e pra que eu vou se reclamar da minha vida?” E eu vivo em um mundo de limitação e eu vejo que a limitação, mas não é um motivo deles se entregar. É tudo feliz, tudo alegre. Então, pra isso eu vivo num mundo de... que eu acredito que eu queria ter conhecido mais, mais atrás ainda, porque é só felicidade o mundo paraolímpico e a competição funciona só com pessoas com deficiência.

C.M. – Nessa sua convivência com esporte paraolímpico, o que que você acha que são as principais dificuldades do esporte paraolímpico mais especificamente do atletismo paralímpico?

L.S. – É, a dificuldade do esporte paralímpico? Vou botar na minha causa. Só sobre, vou, aprovou a bolsa do atleta guia, eu não tenho nada de se reclamar. Competição nós somos bem recebidos, é, nós temos hospedagem boa, nós temos alimentação boa, nós temos atenção em si, então pra mim como atleta guia e todos os atletas guia do Brasil, o que tá faltando só é acrescentar a bolsa do atleta guia, porque até no momento nós estamos voluntário para o segmento paraolímpico.

C.M. – Você tem contato com outros atletas guias?

L.S. – Tenho! Graças a Deus eu acho que eu, eu sou um dos mais conhecidos dentro do segmento paraolímpico. Quem disser que não me conhece como Pernambuco, porque eu tenho amizade com todo mundo do segmento paraolímpico, todas as equipes... Amapá, de onde você pensar, do Amazonas, do... Eles têm contato com nossa equipe, que nossa equipe é uma das únicas equipes que tem amizade com todas. Porque, outras você vê uma

equipe num canto, outros não fala com aquela porque a outra equipe é melhor... A APA Petrolina não tem isso, nós estamos lá para fazer amizade, quem for bom se decide na pista. Isso é uma coisa que Marciano sempre colocou em pauta: “quem é bom mostra o que você trabalhou dentro da pista”.

C.M. – Não precisa ficar fazendo... [riso]

L.S. – Não! Verdade, até teve um acontecido que um atleta de SESI São Paulo, porque o SESI São Paulo tem uma estrutura brilhante, todos os atletas do SESI São Paulo eles recebem salário pra tá na equipe, aí a nossa equipe APA Petrolina é a melhor equipe paraolímpica do Brasil, nós ganhamos com uma diferença imensa. Um atleta abriu a boca e disse: “ah eles ganha porque eles não têm, é... eles ganha, é...”, como é que diz? por raça, “eles não tem técnica, só tem raça”. Todo ser humano precisa, você tendo raça, que é força de vontade tudo você consegue. O professor soube, é, ficou sabendo disso, foi lá e chamou atenção desse atleta que falou isso.

C.M. – Professor do SESI ou?

L.S. – SESI São Paulo. Não precisou ninguém da APA responder nada. O SESI, professor do SESI São Paulo chegou, chamou ele e deu uma punição e foi lá na nossa equipe e conversou, conversou, viu que não queria aquilo é... dentro do segmento paraolímpico.

C.M. – Hoje a sua rotina de treinamento como é que ela é? Você tinha falado antes de começar a entrevista, mas eu queria que você descrevesse, como é que é o seu dia de treinamento e a sua semana, como é que você se organiza?

L.S. – Nós treinamos de segunda a sábado. Ai os treinos variam, tem dia que é uma hora de treino. É, varia de uma hora até duas horas de treino. Tem vezes que é treino de rodagem que é por tempo ou quilometragem, tem vezes que é treino intervalado que aí já dá uma aumentada no tempo.

C.M. – Você é tipo meio fundo?

L.S. – Eu sou meio fundo, prova de 800, 1500 e 5 mil metros.

C.M. – Você já chegou a pensar em correr corrida curta ou corridas mais longas, mudar dessa especialidade?

L.S. – Sim, agora mesmo recentemente teve a meia maratona daqui do River Shopping aonde eu e Antônio Carlos por curiosidade nós tentamos testar o nosso rendimento na meia maratona, uma coisa que tava fora do nosso treinamento. Você sabe, curiosidade... Nós corremos essa meia e fizemos um brilhante tempo, fizemos uma hora e 16 alto, 1 hora e 16, é um tempo brilhante pra meia maratona.

C.M. – Pra quem não treina pra isso...

L.S. – Pra quem iniciou né?!

C.M. – Ah! Os principais apoios acho que você já citou, mas teve mais algum apoio além das bolsas que você citou e da APA? algum apoio estrutural ou financeiro?

L.S. – Eu tive, eu tive, nós tivemos uma ajuda aí da Dismed um bom tempo, a Dismed arcava com nós com a... Uma quantia em dinheiro [tosse] e a cada três meses me dava um par de tênis e umas coisas de treinamento, material de treinamento, nós teve um grande parceiro que se chama Ricardo⁶, que muitas vezes ele chegou e marcou a presença com vários pares de tênis para mim e Josoaldo e alguns outros mais que chegou, não chegava com material mas chegava, uma... Um... Um apoio de moral que para nós é muito importante que todos os atletas precisam.

C.M. – E o que a APA Petrolina representa para você e qual a contribuição para sua vida pessoal e profissional?

⁶ Nome sujeito a confirmação.

L.S. – A APA pra mim, rapaz, muitas, muita, muita coisa mesmo a APA Petrolina faz parte da minha vida, é tanto que eu sei que futuramente eu já tô me aposentando, já botei as minhas crias pra elas conhecerem a APA, já tá na escolinha e o que eu puder botar eu tenho só agradecer a APA Petrolina.

C.M. – Você já Pensa em se aposentar?

L.S. – Não! eu tô falando para você futuramente, mas eu quero correr...

C.M. – É um futuro longe. [Risos]

L.S. – Até uns 78, 80 anos. Comecei agora.

C.M. – Dentro do esporte além de atleta você já pensou em fazer alguma outra função, de treinador ou de gestor dentro da associação ou professor alguma coisa assim?

L.S. – Sim , sim. Eu, eu tenho muita vontade de... Eu parei os estudos muito cedo por causa do caso, que nem eu lhe disse, perda da mãe e tudo e já era pra mim ter voltado e não voltei, mas eu tô querendo voltar para ter uma formação na área de educação física, na área pessoas com deficiência.

C.M. – Quem sabe daqui a pouco você é nosso aluno aqui. [Risos]

L.S. – Verdade, Deus, se Deus quiser vai dar certo, nunca é tarde para você realizar seu sonho.

C.M. – Verdade! E Laércio, você gostaria de registrar mais alguma coisa, complementar, fazer algum comentário, alguma coisa que você queira registrar, algum acontecimento na sua trajetória?

L.S. – Não, no momento eu acho que só agradecer a todas as pessoas que eu não consegui citar o nome, pela, ter confiado, ter confiado na minha, no meu trabalho e na minha pessoa que hoje em dia, que nem volto a dizer: não posso ter virado um atleta de alto, mas virei um cidadão e pra isso teve muita gente que confiou, apoiou e insistiu até quando eu consegui chegar no momento que eu tô hoje.

C.M. – Então tá bom! É isso vou finalizar aqui muito obrigada. [risos]

[FINAL DA ENTREVISTA]